

PROJETO SOBRE CONSCIÊNCIA NEGRA: ANÁLISE DA REFLEXÃO DE ALUNOS DO FUNDAMENTAL EM ESCOLA PRIVADA DE MOSSORÓ

Francisco Ronildo Freire¹

RESUMO

Este trabalho analisa a capacidade reflexiva de alunos do Ensino Fundamental dos anos finais em uma escola privada na cidade de Mossoró-RN, a partir da produção artística realizada em um projeto sobre a Consciência Negra na instituição. Portanto, o trabalho se insere na discussão de uma educação decolonial, tendo como objetivo principal a reflexão e a valorização da cultura brasileira, especialmente a cultura afrodescendente, promovendo assim o combate ao racismo estrutural. Para isso, a metodologia foi um estudo de caso descritivo, fundamentado na BNCC (habilidades EF69AR25 e EF69AR34). O projeto envolveu quatro turmas de modo interdisciplinar possibilitando uso de tecnologia na produção artística dos alunos. Um questionário foi aplicado a 39 alunos para averiguação das possíveis reflexões geradas. Os resultados apontaram que aproximadamente 80% dos alunos destacaram o aprendizado sobre a cultura afro-brasileira e 98% afirmaram ser necessária uma reflexão contínua. Conclui-se que o projeto foi capaz de explorar a percepção dos discentes sobre a importância da discussão sobre o tema contribuindo para uma sociedade possivelmente menos racista.

Palavras-Chave: Educação antirracista, ensino de arte, consciência negra, capacidade reflexiva.

ABSTRACT

This study analyzes the reflective capacity of final year elementary school students in a private school in the city of Mossoró-RN, based on the artistic production carried out in a project on Black Consciousness at the institution. Therefore, the work is part of the discussion on decolonial education, with the main objective of reflecting on and valuing Brazilian culture, especially Afro-descendant culture, thereby promoting the fight against structural racism. For this, the methodology was a descriptive case study, based on the BNCC (skills EF69AR25 and EF69AR34). The project involved four classes in an interdisciplinary way, enabling the use of technology in the students' artistic production. A questionnaire was applied to 39 students to investigate the possible reflections generated. The results indicated that approximately 80% of the students highlighted learning about Afro-Brazilian culture and 98% stated that continuous reflection is necessary. It is concluded that the project was able to

¹ Licenciado em música pela UERN. Professor de artes na rede privada de educação da cidade de Mossoró-RN, no Colégio Maria Auxiliadora Costa e Colégio Mater Christi. Contato: profronifreire@gmail.com / (84) 9.9907-7260.

explore the students' perception of the importance of discussing the theme, contributing to a possibly less racist society.

Keywords: Anti-racist education, art teaching, black consciousness, reflective capacity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a vivência artística e suas reflexões esperadas e/ou geradas por alunos do ensino fundamental dos anos finais em uma escola da rede privada não integral localizada na cidade de Mossoró–RN. O projeto iniciou-se a partir do desenvolvimento de pesquisa sobre o tema “vidas negras importam” sendo realizado em função alusiva ao dia da consciência negra do ano de 2024. A partir dessa temática os alunos começam a trabalhar competências e habilidades ao mesmo tempo que sua criticidade. Assim, a sala de aula deixa de ser apenas conteudista, passando a refletir como cada indivíduo está inserido na sociedade desde uma prática de atividades que possam ser somadas ao ensino-aprendizagem. Este pensamento é representado a partir da fala de Simião e Reily quando dizem:

A prática em espaços não usuais gera processos reflexivos por parte dos proponentes das atividades, como vemos nos artigos reunidos neste dossiê, mas também mobiliza os participantes a pensarem sobre os sentidos da experiência ali vivenciada. Também ocorre, pela própria natureza da atividade artística, que deixa rastros de materialidade, que produções plásticas resultam dessas iniciativas plurais (Simião; Reily, p. 1, 2022).

Os espaços não usados citados pelas autoras são aqueles que a princípio não são voltados exclusivamente para artes. No Brasil, nosso sistema educacional muitas vezes insiste apenas no conteúdo e a entender características de algumas obras. Porém, quando o aluno consegue produzir resultados tangíveis pode criar uma vivência mais reflexiva. Significa dizer que quando ao ser um sujeito ativo da própria aprendizagem o aluno tem uma maior possibilidade de reflexão a partir de uma vivência praticada em sua atividade. O estudante também é reconhecido como parte de uma sociedade e assim pode contribuir com ela. E sendo assim, sendo a escola uma sociedade dentro de outra bem maior como um bairro ou mesmo cidade ou país, faz-se necessário que projetos como esse sejam desenvolvidos para que os discentes possam ser ativos socialmente. Esse pensamento corrobora com Pacheco (2018) quando ele diz:

(...) o desenvolvimento dessas comunidades depende da diversidade de experiências das pessoas que as integram, bem



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



como requer que todos os membros que a constituem se envolvam num esforço de participação, da produção conjunta de conhecimento, vizinho a vizinho, numa fraternidade aprendente (Pacheco, p. 11, 2018).

Isso quer dizer que o aluno deve passar por diversas experiências e que eles mesmos podem atuar como constituinte da produção de conhecimento e prática de uma sociedade diversa. Portanto, o projeto tem como principal objetivo refletir e valorizar o patrimônio brasileiro a partir da cultura afrodescendente tão enraizada em nosso país. Possuímos um passado de escravidão física que precisa ser lembrado, mas também muitas vivências e experiências socioculturais sincréticas a partir da religião, costumes, culinária, entre outros pontos.

Para auxiliar a escrita deste artigo, foi realizado uma busca nas plataformas acadêmicas como os portais SciELO e periódicos Capes. As palavras-chave utilizadas foram etno-educação, descolonização na educação, decolonialidade, educação brasileira, Base Nacional Comum Curricular de artes (BNCC artes), didática em artes, arte decolonial e tecnologia na arte educação, dentre outras. Para filtrar a pesquisa optou-se por buscar trabalhos escritos em língua portuguesa ou espanhola entre 2020 e 2025 e produções nacionais relacionadas a ciências humanas, multidisciplinaridade, linguística, letras e artes.

ARTES ENQUANTO DISCIPLINA E A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

A Base Curricular Comum Curricular/BNCC de 2017/2018 traz as linguagens artística e um quinto elementos com nome de **artes integradas** que explora uma relação direta entre as quatro linguagens.

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance* (BNCC, p. 196).

Podemos notar então uma busca pela experiência com a arte no possível intuito de nos apresentar um mundo passível de reflexão mesmo que não utilize a linguagem verbal. Em todas as séries do ensino fundamental anos iniciais e finais, essa integralização entre as linguagens é dividida em cinco objetivos, sendo eles: contextos e práticas; processos de



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN



criação; matrizes estéticas e culturais; patrimônio cultural e arte e tecnologia. Sendo esta última lente, a que será utilizada como parte do objetivo que regerá o presente trabalho. Para isso, é importante que a definição de cibercultura seja analisada desmistificando a ideia de impactos tecnológicos. Esta foi bem discutida por Lévy em 1999 quando destaca o uso de recursos digitais sendo uma ferramenta cuja qualidade é definida pelas relações humanas e não por impacto tecnológico.

Essa significação pode ocorrer, por exemplo, pela interação entre os próprios alunos usando diversos aplicativos simuladores de instrumentos musicais até a elaboração de um designer gráfico de um jogo sobre verbos. Ao refletirmos sobre um contexto de produção artística em um ambiente educacional a cibercultura pode ser uma aliada muito forte para o fazer artístico, o que é corroborado por Mörshbächer e Weymar (2021).

Após a iniciação no desenho tradicional ao longo da minha infância foi através da internet e das comunidades virtuais que me engajei em uma busca mais direcionada sobre as maneiras de melhorar meus desenhos, compartilhá-los com mais pessoas bem como acessar referências e obras de outros artistas (Mörshbächer e Weymar, p. 3, 2021).

Com essa ideia em mente uma das turmas pode se engajar, de maneira bem mais acentuada, referente ao que vinham realizando ao decorrer do ano, com a utilização de ferramentas de uso tecnológico. Essa turma especificamente pode gerar figuras que fossem representativas na cultura brasileira demonstrando a diversidade existente em nosso país. Mais à frente será explicado como foi feito.

POR QUE É NECESSÁRIA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

1. MILITÂNCIA OU REALIDADE

Este trabalho, assim como a atividade desenvolvida pelos alunos, não é uma modalidade emergente de militância. Porém, tanto a atividade quanto a produção deste artigo, são necessários para que jovens e crianças possam se reconhecer como negros ou conhecer o outro como negro. Isso não quer dizer que o sujeito tenha apenas a pele preta, mas também uma ancestralidade preta que fez e faz parte das raízes culturais e emergentes do nosso Brasil. Não se trata de militar, mas de refletir em quem são esses sujeitos, de onde vieram e quem o próprio aluno é. Um autoconhecimento é necessário uma vez que em nossa sociedade a maioria de sujeitos que exercem cargos de juiz, advogado e administradores de empresas e médicos, entre outras, são pessoas de pele branca. Portanto, uma tentativa de educação antirracista se faz presente a partir do projeto culminando nesse escrito corroborando com o seguinte pensamento:

É necessário combater o racismo, lutar contra sua expressão na nossa sociedade, na vida cotidiana, nas relações interpessoais, em todos os momentos em que aparecer ou puder ser percebido. A educação pode ser um instrumento poderoso na luta antirracista. Para torná-la eficaz, precisamos aprender a desaprender condutas que nos levam a dar pouca importância ou a fingir não enxergar atitudes e sinais racistas em pessoas e situações. Deixar passar manifestações, imagens ou falas racistas não faz com que elas desapareçam. Ao contrário, o racismo se alimenta do silêncio sobre ele (Fundação Getúlio Vargas, p. 16, 2021).

O dia da consciência negra, no Brasil, é instituído como feriado a partir da Lei 14.759/2023. Porém o dia 20 de novembro é conhecido como o dia da conscientização negra mediante a lei 12.519/2011 que homenageia o líder negro brasileiro conhecido como Zumbi dos Palmares. Essa lei objetiva a celebração da cultura negra e a história afro brasileira reconhecendo que houve escravidão formal, pelo menos até 1888. O que quer dizer que a identidade brasileira também é afrodescendente. Portanto, há uma busca por superar o racismo estrutural existente no país. Quanto a isso, Nátaly Neri no TedX São Paulo Solon em 2016 traz a reflexão:

A gente não precisa de senhor de engenho, a gente não precisa de chibata brutal nos nossos corpos, porque a senzala ainda é aqui em nossas mentes, de maneira virtual não corpórea. Enquanto a gente ainda tiver pessoas negras que se sentem subjugadas por serem quem são; enquanto nós tivermos pessoas negras que não se sentem pertencentes, que não se sentem valorizadas por serem quem são; enquanto eu ainda odiar um corpo que não me faz nada, porque a sociedade diz que devo odiar; enquanto eu achar que a única coisa que me valoriza é um ideal racista, imposto sobre mim, quando meu corpo ainda nem havia se desenvolvido; enquanto isso ainda acontecer, a senzala está aqui (Neri, 2016).

Essa fala se ocorre enquanto explica a paráfrase usada por ela referente ao autor Augusto dos Anjos quando ele diz “o racismo escarra na minha boca enquanto me beija”. A fala desta mulher negra é uma reflexão sobre ser mulher negra em um meio a uma sociedade que estereotipa esta mulher ao mesmo tempo que a discrimina pela cor de sua pele. Essa discriminação ocorre muitas vezes de maneira inconsciente, ao menos assim é melhor acreditar, caracterizando o que chamamos de racismo estrutural. Portanto, se faz necessário

refletir sobre o assunto e os projetos escolares fazem os alunos pensarem sobre isso de maneira profunda ao mesmo tempo que didática e pedagógica.

Na educação brasileira, não é raro encontrarmos algo como o bullying físico ou psicológico que inflige danos aos discentes ou educadores. Desta maneira, a intenção de colocar os estudantes como seres dotados de capacidade reflexiva deve se fazer presente na educação. Uma educação integralizada que tem o discente como sujeito ativo do próprio aprendizado é visível e possível a partir do compartilhamento de conhecimento entre os próprios alunos. Isso quer dizer que quando discutimos e passamos a pensar de maneira decolonial, os alunos passam a refletir sobre eles mesmos enquanto observam e identificam características que podem ser próprias ou do outro. Assim, há um diálogo entre o sujeito, seus espaços e suas necessidades sociais.

A criança precisa envolver-se com as necessidades da própria comunidade e, por efeito, o amadurecimento não se trata de um melhoramento, ou tipo de aperfeiçoamento, mas uma aprendizagem que permite dialogar com os espaços físicos e espirituais. E, portanto, esse diálogo parte da interação com o mundo em diversas perspectivas (Iyagunã; Dantas, p.55, 2019).

Isso quer dizer que não basta apenas estar em uma sala de aula e ser “preparado” para a sociedade. Essa preparação não deveria ser no sentido de melhorar a criança, mas fazê-la parte da sociedade como indivíduo capaz de pensar. Não se trata de ter um pensamento imaturo ou incorreto e sim de saber que pode, consegue e faz parte de um todo social. Portanto, é necessário saber quem está inserido nesse emaranhado social e reconhecer ou conhecer sujeitos participantes da sociedade.

Portanto, faz sentido também discutir não só a cor da pele ou as características físicas, mas também as espirituais comuns a uma cultura ancestral. Esse foi o maior desafio com uma aluna específica, Dandara (nome fictício), que ao saber que sua turma apresentaria a temática “música ancestral e Candomblé” ficou insatisfeita e a princípio não quis realizar o trabalho, chegando a dizer que era demoníaco. A situação indica um preconceito pela falta de conhecimento sobre o tema da turma. A fala, portanto, demonstra que somos eurocêntricos e quando temos outras possibilidades culturais não aceitamos talvez porque ela não faça parte daquilo que possuímos como correto. Quanto a isso, Levi-Strass afirma:

“Costumes de selvagens”, “isso não é nosso”, “não deveríamos permitir isso”, etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver de crer ou de pensar que nos são estranhas (Levi-Strauss, p. 53, 1980).

O autor caracteriza cultura como sendo parte de nós enquanto sociedade e, a linguagem é apenas uma das diversas formas de comunicação que possuímos. Alguns grupos sociais possuem outras formas de comunicação além da linguagem humano dos fonemas, por exemplo, e todos esses “jogos comunicacionais” são o que indicamos como cultura, uma vez que são repassados entre as gerações. Porém, em alguns momentos é possível que nós enquanto sujeitos, quando não conhecemos a comunicação do outro, nos sentimos desconfortáveis e em determinados momentos podemos ser rudes afirmando que é algo errado, grosseiro, grotesco. Desta feita os alunos puderam discutir e refletir sobre cultura. Essa discussão se fez e se faz necessária uma vez que, em diversos momentos, encontramos falas ou ações capazes de gerar preconceitos por simplesmente não conhecer o outro. Isso quer dizer que se faz necessária a discussão sobre o que conheço sobre o outro. Assim, somos capazes de reconhecer sujeitos diversos na sociedade que pensam e agem diferente de nós mesmos. Não é só falar que respeita o outro, mas é também se atentar a entender que existe uma parcela social que podemos ou não fazer parte.

Quanto o patrimônio artístico as discussões foram realizadas com base do conceito dado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) indica:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes [...] O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, 2014).

A partir destes conceitos entendemos a necessidade em discutir e buscar conhecer o que nos torna uma sociedade. Assim, o todo do trabalho aborda a habilidade EF69AR25 e EF69AR34 da Base Nacional Curricular Comum de Artes que pregam uma análise e valorização da diversidade cultural do Brasil.

EF69AR25 - Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (República Federativa do Brasil, p. 203, 2017).

EF69AR34 - Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira,



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (República Federativa do Brasil, p. 211, 2017).

METODOLOGIA

Primeira parte: A professora de geografia, que também tem pós-graduação em artes e atuava em outra instituição com essa disciplina, já tinha um projeto pronto para tal atividade e ofereceu aos professores de história e artes (autor) a possível realização do evento. Desta maneira trabalhamos de modo interdisciplinar a partir da data com os alunos. A princípio o projeto iria ser realizado apenas pelo oitavo e nono ano, porém antes de ser divulgado entre os alunos decidimos ampliá-lo para todas as quatro turmas finais do ensino fundamental. O seguimento do ensino médio não participou diretamente do projeto porque em todas as séries tínhamos alunos que estavam estudando para realização das provas do Exame Nacional do Ensino Médio/ENEM. Por este motivo, estes alunos não foram submetidos a construção de exposição com a temática da consciência negra. No entanto, eles também tiveram um momento de reflexão a partir de uma palestra sobre o assunto com um convidado para tal finalidade, discutindo assim a conscientização da sociedade e deles mesmos enquanto sujeitos dela. A palestra foi realizada por um jovem negro advogado e que já realiza diversos trabalhos voltados para a causa negra na cidade tendo participado de diversos eventos como palestrante.

Segunda parte: Os três professores começaram a trabalhar atividades direcionadas as disciplinas que ministravam na instituição. Na disciplina de artes, optou-se por trabalhar o conteúdo do livro didático disponibilizado pela escola a fim de não desvincular o conteúdo do que é proposto no trabalho: uma reflexão sobre a cultura negra e o quanto ela não é visualizada. As turmas então foram divididas a partir dos conteúdos estudados.

O sexto ano trabalhou sujeitos negros que tem ou tiveram relevância no meio musical, preferencialmente brasileiro. A turma então trabalhou os músicos: João Teixeira Guimarães (João Pernambuco), Alfredo da Rocha Vianna Filho (Pixinguinha), Alcione Dias Nazareth (Alcione Marrom ou Marrom), Luiz Gonzaga do Nascimento (Luiz Gonzaga – Rei do Baião), Isabela Cristina Correia de Lima Lima (Iza) e Elza Gomes da Conceição (Elza Soares). Os alunos pesquisaram quem foram esses artistas e o que fizeram de importante para música brasileira.

O sétimo ano usou as artes visuais criando quadros alusivos com a ajuda de inteligência artificial (IA). A partir do uso de inteligência artificial, quadros foram criados. Para essa criação os alunos fizeram diversos testes com aplicativos diversos como o próprio ChatGPT3, Leonardo AI, Luzia e outros. Os alunos poderiam fazer os quadros em qualquer aplicativo que achasse mais intuitivo. Eles criaram prompts diversos para que conseguissem



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN



criar quadros a partir da consciência negra. Alguns direcionamentos foram feitos para que os alunos entendessem o Brasil como um país miscigenado e com uma grande população negra. Essa deveria ser a ideia principal dos comandos que eles iriam inserir nos aplicativos para gerar as imagens. Os quadros foram refeitos diversas vezes através dos comandos que iam delimitando características do povo brasileiro. Podemos notar alguns dos resultados a seguir.

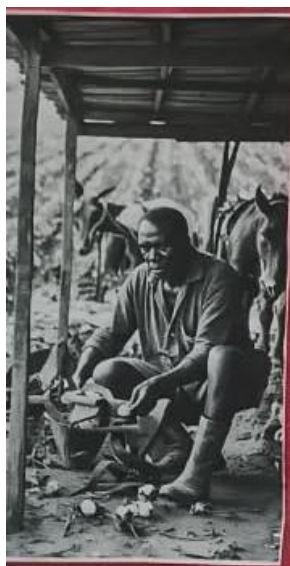


Figura 1

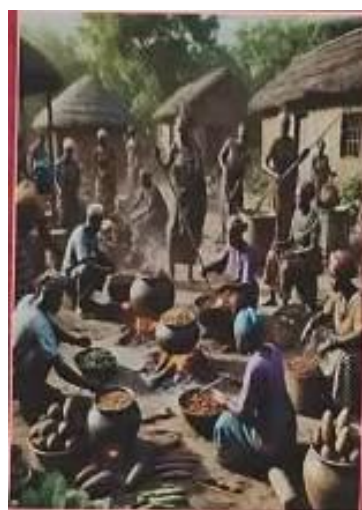


Figura 2



Figura 3



Figura 4

Fonte: Acervo do autor, 2024

As figuras 1 e 2 foram utilizadas para compor a fala de alunos que iriam explicar a culinária negra. Já as figuras 3 e 4 foram utilizadas para falar sobre religiões de matrizes africanas assim como da miscigenação encontrada no país. Essa atividade trouxe também outra questão que não é o cerne deste trabalho, mas foi uma discussão bem interessante.

Surgiu o questionamento “De quem é a arte que foi produzida?”. Mesmo não sendo o tema do trabalho, foi muito válido nos questionar sobre a autoria da obra. Enquanto muitos acreditam que os alunos não fizeram um bom trabalho, notou-se que eles refletiram e foram utilizando diversos comandos até chegar nas figuras anexas a este artigo. A autoria dessas telas é sim deles uma vez que eles tiveram o trabalho de realizar pesquisas características físicas e modos de vida do povo negro e empregaram isso aos seus *prompts*. Os alunos, nem o professor, inovaram. Apenas fizeram o uso de ferramentas tecnológicas tornando a aprendizagem prática com o uso do digital. Alguns artistas já foram citados pela Forbes por criarem arte com a ajuda das inteligências artificiais. Alguns citados foram Charlie Engman (fotografo) e Ceren Arslan (cenógrafa).

O oitavo ano trabalhou o Cadomblé e a Umbanda estudando sobre as matrizes religiosas e como os instrumentos são utilizados em ambas. Eles então fabricarão alguns instrumentos para exposição explicando como eles são usados nos rituais de matriz africana.

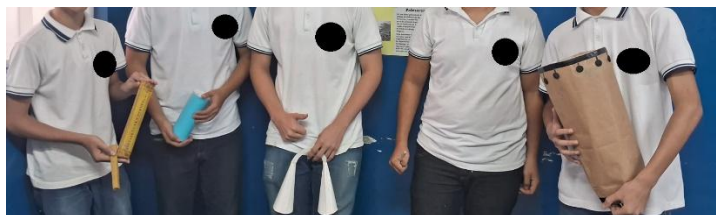


Figura 5 - Instrumentos de matriz africana da esquerda para direita: reco-reco, ganzá, agogô, atabaque.



Figura 6 – Instrumento berimbau.

Fonte: Acervo do autor, 2024

Essa turma foi a mais desafiadora por conta da aluna Dandara (nome fictício), que ao saber que sua turma apresentaria a temática “Música ancestral no Candomblé e Umbanda” ficou insatisfeita. A princípio não quis realizar o trabalho, chegando a dizer que era demoníaco. A fala da aluna demonstrou uma possível postura preconceituosa com culturais que não conhecia. No transcorrer das aulas a ideia de que o desconhecido nos traz desconforto foi sendo trabalhada, tomando cuidado para que tudo fosse realizado de maneira laica, a aluna passou a ser agente participativa reconhecendo sua ancestralidade. A situação vivida com esta turma em específico não é um caso isolado por tememos, muitas vezes, aquilo que não temos conhecimento. Levi-Strass afirma:

A atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. “Costumes de selvagens”, “isso não é nosso”, “não deveríamos permitir isso”, etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver de crer ou de pensar que nos são estranhas (Levi-Strauss, p. 53, 1980).

A partir deste pensamento chegamos a outro do mesmo autor quando ele diz:

A cultura não consiste portanto exclusivamente em formas de comunicação que lhe sejam próprias (como a linguagem), mas também – e talvez sobretudo – em regras aplicáveis a toda sorte de “jogos de comunicação”, quer estes se desenrolem no plano da natureza ou no da cultura (Levi-Strauss, p. 24, 1980).

Nestas falas o autor caracteriza cultura como sendo parte de nós enquanto sociedade e a linguagem é apenas uma das diversas formas de comunicação que possuímos. Alguns grupos sociais possuem outras formas de comunicação além da linguagem humana dos fonemas por exemplo. Todos esses “jogos comunicacionais” são o que indicamos como cultura uma vez que são repassados entre as gerações. Porém, em alguns momentos é possível que nós, enquanto sujeitos, quando não conhecemos a comunicação do outro, nos sintamos desconfortáveis e, em determinados momentos podemos ser rudes afirmando que é algo errado, grosseiro, grotesco.

O nono ano pode falar sobre política e sujeitos que lutaram para uma vida social mais igualitária. Esta turma trouxe acontecimentos diversos como o *Apartheid* abordando a

importância de Nelson Mandela. Louis Armstrong, a ginasta Daiane dos Santos, Zumbi dos Palmares e a libertação dos escravos ocorrida 5 anos antes da Lei Aurea no Brasil. Neste momento os alunos puderam discutir sobre o que possivelmente tenha levado o país a ser o último a abolir a escravatura no continente americano. Essa turma foi a que teve mais alunos engajados já que tinha uma maior incidência de sujeitos que se reconheciam como negros ou tinham algum parente de primeiro grau que era negro.

Terceiro: Entre aulas e pesquisas dos alunos houve 5 aulas divididas em um encontro semanal sem contar com a semana da consciência negra. A exposição foi realizada foi feita no dia 19 de novembro, dividida entre a organização das salas e o próprio evento que iniciou às 08h30, se estendendo até às 11h sendo possível a visitação do público externo. Uma semana depois do evento, os alunos foram parabenizados e submetidos a aplicação de um questionário via *Google Forms* que buscou averiguar as possíveis reflexões dos alunos. O questionário foi elaborado de maneira estruturada ficando com a seguinte estrutura: 8 questões sobre a produção final do trabalho realizado pelos alunos e o que aprenderam sobre a temática e 1 outra usada para indicar a série que o aluno está matriculado. Isso quer dizer que os alunos não precisariam se identificar. E assim, a análise de dados não teria nenhuma influência possível entre a relação aluno professor ou vice-versa. No segmento de ensino em que o projeto foi realizado à época tínhamos 47 alunos matriculados, sendo que 39 responderam da pesquisa.

Após a aplicação do questionário podemos chegar aos números da tabela abaixo:

Categoria	Percentual
Aprendizado sobre cultura afro-brasileira	80%
Necessidade de reflexão	98%
Respeito ao próximo	56%
Possibilidade de criação	59%

- Aproximadamente 80% dos alunos destacaram que houve aprendizado sobre a cultura afro-brasileira;

- Chegaram à conclusão também que se faz necessário uma reflexão sobre a temática, sendo que apenas 2% afirmou que não houve capacidade reflexiva a partir do trabalho desenvolvido;
- 56% dos alunos se colocaram como sujeitos que buscaram refletir e respeitar mais o outro;
- 59% afirmaram que o projeto lhe deu possibilidade de criação e isso proporcionou a reflexão como já mencionado anteriormente..

O tempo insuficiente, alertado pelos alunos, talvez indique que não somos professores que buscam uma educação antirracista como forma de combate efetivo ao racismo. Isso quer dizer que, provavelmente, podemos contribuir para não aceitação de alguns sujeitos e até mesmo a prática reversa. Portanto, é interessante pensar em uma educação antirracista analisando se nossos atos nos induzem a uma reflexão contínua sem considerar apenas a data alusiva. Quanto aos alunos, a dificuldade por eles encontrada é que foram disponibilizadas apenas 5 aulas divididas entre conteúdo, realização de pesquisa e elaboração do que iria ser construído para mostra.

CONCLUSÕES

O trabalho realizado pelos alunos, orientado pelo professor, conseguiu explorar a percepção dos discentes sobre a importância da reflexão sobre o racismo em ambiente escolar. Em uma avaliação rápida, conclui-se que o projeto atingiu seu objetivo de aprendizado, visto que 80% dos alunos destacaram o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, indicando que a temática do racismo é percebida como uma discussão viva que ainda é uma ferida na história da sociedade brasileira. A partir disso os estudantes indicam diversas faces como a valorização e o incentivo à colaboração social no sentido de discutirmos mais sobre a temática. Isso quer dizer que pode ser cada vez é possível uma sociedade antirracista. No entanto, ainda se faz necessário que mais trabalhos, assim como este, sejam realizados na busca por reflexão ativa sobre a cultura negra no Brasil.

Portanto, o objetivo de buscar uma reflexão ativa pelos alunos a fim de que busquem entender como a sociedade vê o preconceito e como pode ser combatido é de fato contemplada. Desta feita, há uma valorização do pensamento crítico desde o 6º ano do fundamento dos anos finais. Mesmo assim, ainda podemos indicar que há uma lacuna na ampliação de estudos sobre como o ambiente escolar está percebendo o seu público alvo e quais ações pode realizar para incluir e reconhecer o corpo discente de modo efetivo.

Em suma, este estudo reforça a importância da pesquisa como forma de oferecer visões sociais diversas a partir da reflexão destacando a necessidade de superar os desafios existentes para garantir seu pleno potencial. A implementação das sugestões propostas pelos



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



alunos pode contribuir para discussões mais ativas sobre o racismo na sociedade a partir de mais eventos sobre a conscientização da cultura negra.

REFERÊNCIAS

BRASIL, República Federativa. Base Nacional Comum Curricular/BNCC. Brasil, 2017.

IYAGUNÃ, Dalzira maria Aparecida; DANTAS, Luis Thiago Freire. A criança e o candomblé: considerações acerca de uma educação decolonial. *Momentos: diálogos em educação*, E-ISSN 23116-3100, v. 28, n. 1, p. 42-56, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Coleção os pensadores: Antropologia estrutural; Raça e história; Totemismo hoje. Tradução: Eduardo P. Graeff et *all*. 2ª edição. Editora Abril Cultural. São Paulo/SP, 1980

LÉVY, Pierre. Ciberultura. Editora 34, edição 1. São Paulo/SP, 1999.

MÖRSCHBÄCHER, Bianca; WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. Arte digital na ciberultura: contextualização e debates atuais. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-16, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em:
<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive> > 30 de setembro de 2021.

NERI, Nátaly. A mulata que nunca chegou. TEDx São Paulo
https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw&ab_channel=TEDxTalks acessado em 06/03/2025.

PACHECO, José. Um Compromisso Ético com a Educação. Editora Mahatma, 1ª edição, setembro 2018.

SIMIÃO, Selma Machado; Reily, Lucia. Arte e ensino em espaços plurais. Caderno do Centro de Estudos Educação e Sociedade/CEDES, v. 42 n. 116, 2022.

STOCLET, Natalie. Para esses 5 artistas, a IA se tornou uma aliada criativa. Disponível em:
<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/10/para-esses-5-artistas-a-ia-se-tornou-uma-aliada-criativa/> Acesso: 10/05/2025.

VARGAS, Fundação Getúlio. Trilhos da alfabetização: por uma educação antirracista (Maranhão). Rio de Janeiro-RJ, 2021.

www.portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234 Acessado em: 11/01/2025.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN

